

O JUDEU NAS CRÔNICAS DE GUERRA DE JORGE AMADO

THE JEW IN JORGE AMADO'S WAR WRITINGS

Márcio Henrique Muraca¹

RESUMO

Jorge Amado escreveu sobre diversos temas em torno da Segunda Guerra Mundial na coluna *Hora da Guerra* (1942-1945) do jornal baiano *O Imparcial*. Dentre eles, destaca-se a questão judaica, o que converge para o ideal libertário e humanista do autor. Comunista na época, Amado não revela o antissemitismo do governo Vargas de modo direto, mas denuncia a perseguição aos judeus no país, sobretudo a artistas como Lasar Segall, além das mazelas perpetradas a esse povo pelos nazifascistas na Europa.

PALAVRAS-CHAVE

Jorge Amado, Crônica, Guerra, Antissemitismo, Segall

ABSTRACT

Jorge Amado wrote about various topics on the Second World War in *Hora da Guerra* (1942-1945) published in the newspaper *O Imparcial* (Bahia). Among such topics, the Jewish question stands out, which converges to his libertarian and humanist ideals. As a communist in the period, Amado do not reveal the

¹ Doutorando pelo Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).
henrymuraca@yahoo.com.br

anti-Semitism in Vargas government directly, however points out the Jewish persecution in the country, especially those focused on artists as Lasar Segall, besides the evils perpetrated by Nazi-Fascists in Europe.

KEY-WORDS

Jorge Amado, Newspaper Articles, War, Anti-Semitism, Segall

Aí estão as criancinhas alegres, brincando seus brinquedos ingênuos, aí estão as moças com seus namorados nas tardes românticas, aí estão as amadas com seus amados nas noites de amor, aí estão as mãos desveladas por seus filhos, aí estão os homens no seu trabalho. Quem não os ama, a toda esta humanidade? Mas, ah!, aí estão também os assassinos nazis. Estão roubando, matando, incendiando, escravizando os homens e as pátrias! (AMADO, 2008, p.40).

Jorge Amado dedicou-se à escrita de crônicas no jornal baiano *O Imparcial* entre os anos de 1942 e 1945. A coluna *Hora da Guerra* tratou de vários aspectos em torno do grande conflito que se desenrolava na Europa e que, ao final, acabou por dominar o globo. Dentre as centenas de artigos produzidos diariamente pelo autor, 103 foram reunidos em 2008 em livro com título homônimo da coluna. A questão judaica destaca-se na amplitude de temas da compilação, tratada de modo bastante sensível pelo autor.

Há de se notar particularmente em tais crônicas o reconhecido “clima lírico” do Jorge Amado dos anos 1940, tempo esse marcado no *próximo-*

distante século XX. Esse posicionamento é central na obra amadiana, uma vez que o plano nazista de *limpeza* – inclusive de todo um povo – é frontalmente oposto ao ideal de um escritor que sempre colocou “povo e liberdade” como elementos fulcrais de seu projeto literário. Ainda que se possa argumentar que a *poesia* por ele destilada ao longo de muitas crônicas, como no fragmento acima, esteja muito próxima do lugar-comum e pequenino, talvez, pelo simplismo da forma, há que se considerar o contexto temporal e espacial (suporte). A crônica de Amado cumpre sua função: dialoga com o leitor do jornal onde é publicada diariamente, fala-lhe direto, evoca a oralidade, o ritmo das canções e da poesia popular – é o “lirismo ao rés-do-chão”, em analogia a Antonio Candido (1992, p.14), porque, acima de tudo, constrói imagens implacáveis até os dias de hoje. Nas palavras de Octavio Paz (1982, p.26-27) sobre a “poesia” em seu *O Arco e a Lira*: “[...] a palavra poética é plenamente o que é – ritmo, cor, significado – e, ainda assim, é outra coisa: imagem. A poesia converte a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens [...] o fato de serem imagens, e o estranho poder de suscitarem no ouvinte ou no espectador constelações de imagens, transforma em poemas todas as obras de arte.”

A questão judaica² deve sempre tocar de modo profundo qualquer humano. Além dos fatos históricos, da dor que só os que vivenciaram o horror – e, sobretudo, seus mortos – poderiam contar, como nos adverte Primo Levi³, para além dos números de vítimas, o que existe e interessa a todos nós é a metáfora, figura-deusa da literatura, sendo esta não desvinculada da vida, embora não a substitua. Nesse sentido, como sublinha Pereira (1998, p.57): “O

² Kenia Maria de Almeida Pereira sintetiza em seu *A Poética da Resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, O Judeu*, a trajetória de exclusão que o povo judeu sempre enfrentou: “[...] desde os tempos bíblicos, como escravos no Egito; passando depois a cativos na Assíria e na Babilônia; posteriormente, massacrados pelos romanos, na Idade Média e Renascença; perseguidos pelas Inquisições; finalmente, no século XX, quase exterminados pela política antissemita de Hitler.” (PEREIRA, 1998, p.31).

³ Veja-se: LEVI, Os Afogados e Os Sobreviventes, 1990.

antisemitismo não é um problema só dos judeus”; como escreveu Sartre em 1944: “ele é um problema nosso” (apud PEREIRA, 1998, p.57)⁴.

Metáfora da fuga, o judeu é imagem da minoria perseguida, da intolerância perpetrada a um grupo. Qualificações negativas foram se disseminando por séculos, cristalizando-se em imagens-palavras, como “ganancioso”, “elitista”, “arrogante”, “conspirador”... A *judiofobia* espalhou-se pelos tempos e alcançou seu extremo na Guerra pelas mãos dos nazistas. Na análise de Hanna Arendt, em sua obra *Origens do Totalitarismo – Antisemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*, o “estabelecimento de um regime totalitário requer a apresentação do terror como instrumento necessário para a realização de uma ideologia específica, e essa ideologia deve obter a adesão de muitos, até mesmo a maioria, antes que o terror possa ser estabelecido.” (ARENDR, 2007, p.26). Noção amplamente absorvida pelas gerações pós-1945, porque evocativa do temor e da barbárie: a humanidade deve sempre rever o Holocausto, a fim de prosseguir sua caminhada. Por um mundo sem preconceitos, ainda que a afirmação soe bastante utópica, nós, os *outros* – aqueles que não atravessaram, de fato, os sanguíneos caminhos da guerra –, podemos certamente intuí-la, “para além da indignação e da comiseração”, e tentar compreender a “unicidade” daquela experiência (LEVI, 1990, p.91).

Em 19 de julho de 1944 era publicada a crônica “Um Quadro de Segall”. Nela, o leitor encontra um escritor assombrado diante do que a arte pode traduzir: “ÉRAMOS VÁRIOS NA SALA MAIOR DO ATELIER DE LASAR SEGALL. Ele voltou a tela imensa para nós. E a guerra surgiu à nossa frente em todo seu horror.” (AMADO, 2008, p.230). O espanto de Amado diante do quadro é atribuído ao fato de que nunca havia “sentido” a guerra “tão

⁴ No mesmo sentido, escreve Berta Waldman (2010, p.88): “[...] há aqueles que argumentam (entre eles eu me incluo) que se a vivência da barbárie do século XX coube a alguns milhões de seres humanos, a experiência do extermínio é de todos nós. E só a literatura poderia desafiar a intraduzibilidade do Holocausto, transmitindo-a de maneira mais cabal”.

cruamente, nem na leitura dos mais renomados correspondentes, nem no cinema, onde assistimos os jornais do front, nem mesmo nos discursos dos líderes.” (AMADO, 2008, p.230). Ele descreve que a guerra “estava presente nos olhos dos mortos, nos pés dos que se equilibravam sobre cadáveres, na angústia dos rostos deformados, nas cores que o artista conseguira.” (AMADO, 2008, p.230). Na página seguinte, o escritor baiano confessa que “naquela noite paulista, o meu sono se povoou com as figuras trágicas do pintor.” (AMADO, 2008, p.231).

O cronista também cita outras obras do pintor: “A multidão desfilava pelas salas onde estavam os quadros e se emocionava ante o *Pogrom* e o *Navio de emigrantes*, ficava muda e quieta ante esta representação espantosa da *Guerra*.” (AMADO, 2008, p.230). As duas primeiras telas citadas têm como tema a violência aos judeus. *Pogrom* (1937) retrata crianças mortas empilhadas junto a materiais diversos. A segunda tela, *Navio de Emigrantes* (1939-1941), é a imagem de uma embarcação onde se amontoam judeus que fogem do antissemitismo dos regimes totalitários que assolavam a Europa.

Amado, na sequência, ao dedicar a crônica ao pintor cujas obras são “a dor humana”, constata que seu trabalho é “um grito de protesto” (AMADO, 2008, p.231) e chega à conclusão de que essa é a razão pela qual o artista vinha sendo perseguido – “Esses quadros explicavam a campanha contra Segall.” (AMADO, 2008, p.230):

Sua pintura é combate, é luta, é democracia contra fascismo, é liberdade contra escravidão. A tragédia que o nazismo desencadeou sobre o mundo está representada nestes três quadros: a matança dos judeus em todos os países onde o nazismo assentou sua bota; a fuga desesperada de quantos se puderam salvar, gente de todas as pátrias, em busca de paz; e, por fim, a guerra. (AMADO, 2008, p.231).

O cronista mostra-se lúcido em relação ao flagelo imposto ao artista plástico por determinados grupos de orientação fascista no país, a “campanha sórdida da quinta-coluna contra este mestre da pintura [...], quando da sua

última exposição no Rio de Janeiro. A quinta-coluna se lançou contra ele com uma ferocidade gratuita.” (AMADO, 2008, p.230). Isso é confirmado pela pesquisadora Maria Luiza Tucci Carneiro que, em sua obra *O Antissemitismo na Era Vargas*, a qual, aliás, tem como imagem de capa o quadro *Navio de Emigrantes*, levanta com detalhes a perseguição ao pintor:

“Arte degenerada” foi a expressão empregada por um grupo de jornalistas e intelectuais que, identificados com o ideário nazista, manifestaram-se a respeito das obras expressionistas de Lasar Segall por ocasião da mostra realizada no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, sob os auspícios do Ministério da Educação em 1943. (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.331).

Amado faz referência à mostra na crônica “Fascistas em Ação”, citada em momento anterior, e que merece ser repetida: “Quem não se recorda da sórdida campanha que os integralistas [...] moveram contra Lasar Segall quando da sua exposição no ano passado?” (AMADO, 2008, p.219). Lembrando que o baiano escreve em junho de 1944. A historiadora destaca que a exposição apenas foi possível em 1943, ainda que com “patrocínio oficial”, “quando o Brasil já se havia posicionado com os aliados na guerra contra o Eixo.” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.332). Com essa observação, conclui que “interessava às autoridades brasileiras configurar o perfil do nosso país como ‘democrático’, ‘moderno’ e contrário às ideias nazi-fascistas.”. Contudo, “nos bastidores vigoravam circulares secretas proibindo a entrada dos judeus...” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.332).

Ainda no texto “Um Quadro de Segall”, Amado defende que contra o artista plástico se ergueram “todas as trincheiras e usaram todas as armas. Colunas e colunas de jornais se encheram de acusações ao pintor extraordinário [...]”. A historiadora comprova: “A campanha racista ganhou os jornais, sendo Segall classificado de ‘subversivo, judeu e comunista’.” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.332). É importante destacar o que revela sua análise:

[...] já não estava em discussão apenas o valor da arte de Segall. A crítica recuperou *slogans* totalitários insistindo na tese nazista da arte degenerada e daí projetou-se ao campo político [...]. O moderno era identificado como “moral, lixo, irreal, judeu, subversivo e comunista”.

(TUCCI CARNEIRO, 2001, p.333).

A pesquisadora destaca o final *positivo* da polêmica em torno de Segall – “[...] transformada em ‘palco de conflitos’ racistas [...] que escolheram a figura do pintor como bode expiatório de uma situação latente, encoberta pela máscara do nacionalismo.” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.332) –, resultado este que passa pela repreensão de outros jornais, sob a assinatura solidária de artistas e intelectuais brasileiros, como Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Vinícius de Moraes, José Lins do Rego e Amado, que chamou “o pintor dos imigrantes judeus” de “antifascista”. A pesquisadora, fechando seu texto, então cita fragmento⁵ da crônica “O Pintor Antifascista”, de 16/5/1943.

Jorge Amado dedica texto sobre o tema retratado no quadro de Segall, *Navio de Emigrantes*, cujos traços retratam “o drama do judeu fugido do nazismo, recusado em todos os portos, inclusive no Brasil.” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.332). Amado define com a mesma palavra a situação, “drama”, sendo o dos refugiados “dos mais comoventes desta guerra”. A crônica “Refugiados Políticos”, de 12/3/1943, então lembra o “detalhe de pura tragédia grega: aquele navio repleto de judeus que andou de porto em porto, sem conseguir onde desembarcar estes viajantes sem pátria e sem destino. (AMADO, 2008, p.69). Entretanto, o cronista da guerra Jorge Amado não explica – ou aprofunda – as razões disso, uma de suas *contradições* que afloram nos escritos de um militante.

⁵ Jorge Amado, no fragmento, afirma: “Segall é um homem que nunca fez concessões na sua pintura tão marcadamente social e antinazista [...] nos seus grandes quadros dos últimos anos tem impressa uma força de protesto contra a ditadura nazifascista que o coloca entre os velhos combatentes do bom combate contra o obscurantismo do nazismo e seus similares.” (apud TUCCI CARNEIRO, 2001, p.334).

De qualquer modo, é difícil, hoje, saber se o escritor baiano tinha conhecimento de toda estrutura antissemita montada pelo Estado Novo. Os judeus estavam naquele *pacote* do governo brasileiro de elementos indesejáveis. Tucci Carneiro (2001, p.185) contribui decisivamente para o assunto. Na obra aqui já citada, a pesquisadora comprova com inúmeros documentos – inclusive com “atos e circulares secretas”, na época – acerca da política que barrava judeus de entrarem no país: “[...] muitos daqueles que para cá tentaram emigrar e não conseguiram acabaram morrendo nos campos de concentração. Centenas de famílias ficaram separadas, não conseguindo trazer seus pais ou filhos que tentavam escapar das ondas antissemitas [...]”

Jorge Amado escreve texto incrivelmente semelhante ao da autora:

Centenas e centenas de famílias, famílias decepadas que perderam cada uma algum ser querido, chegam de todas as partes onde o nazismo assentou sua bota, para as terras da América. Vêm fugindo da desgraça, dos fuzilamentos, da fome, da escravidão, dos campos de concentração. A América aparece ante seus olhos como símbolo da liberdade, da decência, da dignidade. (AMADO, 2008, p.69).

Embora o Brasil não os aceitasse⁶ como “cantava” o cronista, sua mensagem é um apelo. No plano referencial e menos poético, Tucci Carneiro coloca ainda que “as principais personalidades do governo do Estado Novo e que ocuparam postos de poder deglutiram uma ideologia antissemita transplantada do exterior [...]” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.183). Sua pesquisa aponta o ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, que passou pelo cargo entre 1938 e 1944 e ficou na história do país como “semeador de

⁶ O que pode ser ainda atrelado aos ideais nacionalistas e racistas de Vargas na década de 1930, como o “branqueamento” da população brasileira por meio do permissão da entrada de estrangeiros brancos que tinham tendência a se misturar com “não-brancos”, como o português, segundo o que considerava o governo, em detrimento de povos “inassimiláveis”, como o judeu, uma vez que as autoridades acreditavam ser um povo que não tinha “tendência a se miscigenar com os brasileiros.” (KOIFMAN, 2010, p.28).

esperanças”, “espírito cheio de bondade e de compreensão”, como o definiu Talaia O’Donnell⁷.

Jorge Amado parece partilhar de tal visão, como se depreende das menções ao ministro: “[...] as declarações do chanceler Aranha sobre as possibilidades de reatamento das relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética [...]” (AMADO, 2008, p.183). Praticamente, um ano antes, em março de 1943, o cronista comentava o levante de maio, forjado pelos integralistas: “[...] sonhavam o assassinato do presidente Getúlio Vargas e do chanceler Aranha.” (AMADO, 2008, p.87). É importante lembrar que, em 1933, quando o romance *Cacau* foi proibido e apreendido pelo governo, logo foi liberado por “interferência de Oswaldo Aranha” (TAVARES, 1980, p.29).

Não se pretende insinuar que Jorge Amado sabia da movimentação antissemita das figuras de alto escalão do Estado Novo. De todo modo, parece bastante sugestivo que o escritor se esquivou, nas crônicas, de criticar o governo – ou pelo menos refletir sobre os porquês, por exemplo, daquele navio não ter desembarcado os inúmeros judeus no país. É claro que a resposta a essa meia indagação está no fato da decisão de alinhamento do Partido Comunista com o governo, na perspectiva de fazer acontecer a referida “união nacional”. Portanto, a crítica a Vargas deveria ser suspensa, como de fato foi. O apoio ao governo é demonstrado em algumas crônicas de Amado: “[...] o povo responde com a sua decisão [...] de formar ao lado do governo numa inquebrantável unidade nacional [...]” (AMADO, 2008, p.71), em frases como “o governo atendeu ao povo” (AMADO, 2008, p.99), e ao se referir a órgãos tradicionalmente repressivos, sobretudo em regimes ditatoriais: “É necessário esmagar a quinta-coluna! E a polícia não dorme.” (AMADO, 2008, p.149).

⁷ O’DONNELL, Francisco Talaia. *Oswaldo Aranha*. Porto Alegre: Sulina, 1980. apud TUCCI CARNEIRO, 2001, p.193,194.

Isso não diminui, porém, a sensibilidade de Amado para a questão judaica, ainda que pareça se servir do tema como propaganda *antinazifascista*, colocando os alemães num bloco de algozes e o judeu sob o ponto de vista “trágico-heróico”, já enquadrando o genocídio na perspectiva do “mito martirológico”, ligado, tanto para judeus como não-judeus, “a Jó, a Jesus e à Santificação do Nome” (SHAKED, 1999, p.140).

Voltando à crônica “Refugiados Políticos”, é perceptível a comoção de Jorge Amado ao inserir como tema a infância no contexto da perseguição aos judeus. A seu ver, as crianças são a maior tragédia que se levanta entre os refugiados de guerra: “É a infância, crianças que chegam aterrorizadas. Na idade em que a alegria e a despreocupação devem ser os únicos sentimentos.” (AMADO, 2008, p.70). O cronista revela compaixão pelos indefesos que “conhecem todas as desgraças da vida, todos os momentos amargos, a dor na sua total densidade.” (AMADO, 2008, p.70).

Esse é o gancho para que o cronista recorde uma criança judia (um menino que “não tinha alegria nem paz”) que conheceu em Montevideu: “Chegara da guerra, primeiro fugira, com sua família, dos novos *pogroms* de Hitler para a França que estava sendo traída. Veio a guerra e mais uma vez foi a fuga. Finalmente um navio trouxe a família para o Uruguai.” (AMADO, 2008, p.70). O trauma é presenciado pelo baiano:

Um dia, recordo-me, era domingo, as sirenes dos jornais tocaram. [...] Avisavam dos torpedamentos dos nossos navios. Quando as sirenes começaram a tocar a criança estava ao meu lado. Mas, mal ouviu o silvo penetrante, largou de minha mão, correu em busca de onde se abrigar e gritava com sua voz dolorida e inocente:

– Mãe! Mãe! Já vêm os aviões...

Pensava que iam começar novos bombardeios, seu coração vivia repleto de um passado recente cheio de sofrimento. Foi um trabalho para acalmá-lo e por fim ele chorava em altos soluços. Era de rasgar corações.
(AMADO, 2008, p.70).

A conclusão só poderia vir com o gatilho apontado:

Entre as muitas coisas que temos a vingar estão as crianças exiladas de sua pátria, de meninice partida pela desgraça, de olhos cheios de medo, crianças que Hitler e seus lacaios deixaram sem infância e sem alegria. Crianças criadas na dor e no desespero.
(AMADO, 2008, p.70).

Hoje, a cena descrita por Jorge Amado encaixa-se perfeitamente no estereótipo já fixado do que foi o trauma judeu na Segunda Guerra. Obras fílmicas, ao longo das décadas, contribuíram para essa modelagem, para formar na cultura planetária a metáfora da dor, da fuga, do exílio, de vidas destroçadas. Por isso, como afirmou Primo Levi, “é preciso evitar o erro que consiste em julgar épocas e lugares distantes com o metro que prevalece aqui e agora: erro tão mais difícil de evitar quanto maior for a distância no espaço e no tempo.” (LEVI, 1990, p.101). Deste modo, fica aqui sugerido o exercício de sentir o que o leitor da coluna “Hora da Guerra”, naquele dia de março de 1943, vivenciou ao ler sobre aquela criança cujos “nervos estavam rebentados” (AMADO, 2008, p.70). Leve-se em consideração, ainda, o fato de que só em 1942, portanto um ano antes da publicação de “Refugiados Políticos”, é que as primeiras notícias sobre os campos de extermínio nazista começaram a difundir-se (LEVI, 1990, p.1). O cronista Jorge Amado lá os cita – “Vêm fugindo [...] da escravidão, dos campos de concentração.” (AMADO, 2008, p.69).

A tarefa praticamente impossível de se colocar nos olhos do leitor da década de 1940, porque justamente somos outros, encontra compensação na oportunidade de se fazer enxergar a barbárie dos dias de hoje, da qual homens e mulheres parecem nunca se desvencilhar. A imagem da situação dos judeus presente nas crônicas de Jorge Amado não se encerra em si mesma, porque não pode partir de uma postura ética simplista do tipo algoz *versus* vítima, como defende o próprio Levi em seu *Os Afogados e Os Sobreviventes*. Isso porque propõe mais perguntas do que respostas e, mais do que tudo, semeia perplexidades: “Grita e exige ser compreendida, porque nela se entrevê um símbolo, como nos sonhos e nos signos do céu.” (LEVI, 1990, p.36).

Dentro dessa concepção de alerta/denúncia à barbárie, é necessário salientar a atitude de Jorge Amado que parece apelar ao seu leitor a uma consciência em relação ao final da guerra e a derrota do nazifascismo no mundo. O escritor profetiza o fim do conflito não com uma visão otimista, de que “a alegria reinará entre os povos”, incluindo aí os sobreviventes do Holocausto. Amado demonstra certa obsessão pelo “perigo fascista” que pode sobreviver no pós-guerra. Parece estar claro de que nenhum dirigente, nenhum povo, nenhum homem e nenhuma mulher devem se convencer de que o ideal totalitário estará purgado com a vitória aliada. Assim, a palavra *ódio* é evocada tantas vezes em suas crônicas como força positiva, a ser cultivada para que então a *vingança*, no momento certo e bem dirigida – preferencialmente pelo comunismo –, possa desmanchar para sempre não apenas os efeitos do fascismo que a guerra fez visível, mas também as raízes, as sementes, as causas, todo um ideal, uma doutrina, uma visão de mundo contrária à liberdade – sinônimo para o cronista Jorge Amado de democracia, a nosso ver.

Em 19 de janeiro de 1943, a crônica “Ódio” vinha com uma pergunta a uma moça (judia?) que, uma vez aprendeu “que só o amor constrói na face do mundo”: “QUE OUTRO SENTIMENTO PODE GUARDAR UM CORAÇÃO, MESMO QUE seja o teu doce coração de mulher, em relação aos assassinos nazis, senão o de profundo e duradouro ódio?” (AMADO, 2008, p.40):

Ah!, te direi hoje outra verdade nesta hora de guerra: quando os assassinos se soltarem sobre o mundo [...] só o ódio é construtivo. Nunca quiseste que uma parcela sequer de ódio morasse em teu coração de mulher. E hoje, eu te digo que é necessário encher teu coração do mais profundo ódio daquele que exige vingança imediata, porque, neste momento, só o ódio aos nazis é criador e capaz de alimentar o nosso amor pelos demais homens.
(AMADO, 2008, p.40).

Apenas quando a vingança vier, “então, amiga, podes encher teu coração e outro sentimento que não seja o do ódio, ódio total e profundo, pelos criminosos de todos os crimes, os mais revoltantes e abjetos que o mundo assistiu.” (AMADO, 2008, p.42).

Há aí, convém salientar, um caráter de redenção que, paradoxalmente, a tragédia da guerra traz como oportunidade. As mazelas do conflito parecem representar, na visão de Amado, os processos sócio-históricos que levaram o mundo a experimentar a barbárie fascista, mas que é, ao mesmo tempo, o ponto do despertar revolucionário. Daí que, possivelmente, se justifique esse ódio como positivo, porque sinônimo de luta e, sobretudo, consciência histórica que deve resultar na ruptura de ideais conservadores de perpetuação da espoliação – visão um tanto moderna da história, como visto.

Não há crônica em *Hora da Guerra* que melhor destaque a questão judaica do que a publicada em 4/2/1943, “Solidários com a Vossa Dor?...”. Jorge Amado se solidariza com o “luto” dos *israelitas* no Brasil que choram diante das iniquidades nazistas: “Hoje, todos que têm sangue judio nas suas veias dedicarão suas horas a recordar e a honrar os que tombaram sob o gume do machado nazista ou que perecem na morte lenta dos campos de concentração.” (AMADO, 2008, p.52).

O exagero da idealização nacional, do mito da democracia racial, acaba por contaminar o texto, sem contar o antissemitismo ignorado, mas presente no governo Vargas: “Estamos solidários com a vossa dor, israelitas, nós que jamais levantamos o problema cretino de raças, nós, os brasileiros que abrimos as portas do nosso país a todos aqueles que queiram nos trazer a cooperação do seu trabalho.” (AMADO, 2008, p.52). A miscigenação retorna, quando defende que o Brasil “vem de fusão de raças e não poderia jamais aceitar os postulados do ‘arianismo’, com os quais Hitler pretende se assenhorar do mundo. Aqui sois iguais a todo mundo [...]” (AMADO, 2008, p.52).

Não é preciso retomar toda a discussão dos estereótipos que o judeu no país também encontrou para confrontar com a igualdade que Amado defende haver no país. Basta apenas mencionar o seguinte:

A ditadura estadonovista dispôs do antissemitismo como instrumento político a serviço do poder, manipulando interesses ao nível das relações internacionais e nacionais. Da mesma forma, o movimento integralista e o grupo católico reacionário adotou-o como signo integrado ao seu universo doutrinário. Neste contexto emergiu a imagem do judeu como encarnação do Mal, identificado como o perigo vermelho e como fator de desagregação social. (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.323).

Por outro viés, como a “estratégia lírica” do baiano muito nos interessa aqui, transcrevemos a ode feita por Amado ao povo judeu perseguido, assunto que o comoveu e que não deixou de incluir em suas crônicas de guerra:

Mais que nenhum outro povo, o vosso tem sofrido. Sobre ele a fúria criminosa do nazismo se desempenhou na manhã de ódio que foi a tomada do poder por Hitler [...] vós, judeus, sofreis e lutais há dez anos, desde aquele trágico dia de 1933, quando Hitler iniciou, nos tempos de hoje, novas noites de São Bartolomeu [...] Vossos sábios, que haviam levantado tão alto o nome da ciência alemã, tiveram que fugir [...] Todos os vossos que se encontravam na Alemanha e nos países saqueados sofreram e sofrem as maiores injúrias, as maiores torturas, os roubos, os programas, os campos de concentração, os machados da decapitação. Hitler revive a Idade Média [...] E, sobre o vosso sangue se lançaram ávidos [...] Tinham sede de sangue, beberam vosso sangue [...]. (AMADO, 2008, p.52-53).

O cronista finaliza seu *canto* com um pedido:

No vosso dia de luto, estamos solidários convosco [...] Certos de que, [...] jurareis vingança, jurareis cooperar com todas as vossas forças para o completo aniquilamento do monstro nazista. Certos de que o ódio substituirá a dor nos vossos corações enlutados.
(AMADO, 2008, p.54).

As vítimas da perseguição nazista não devem, portanto, esquecer jamais os grilhões nazistas, a fuga, a dor. Jorge Amado, aos 30 anos de idade naquele mês de março de 1943, mais do que fé e esperança, termos tão duros em uma guerra de horror, instiga a reconstrução de um novo mundo pelo *trabalho*, no sentido do “homem que cria a si mesmo”, ideia que, como explica Hanna Arendt, tem sido “a própria base de todo humanismo de esquerda.” (ARENDR, 1994, p.19). O reerguer das cinzas passa pelo esforço que urge a cooperação

de todos os povos, porque o inimigo é um só: o FASCISMO (com maiúsculas) que rasga corações e, com ferro, marca almas. Hoje, ele atinge o planeta sob outros nomes e formas: fluxo de mercados, aldeia global, fundamentalismo...

Embora o engajamento de Jorge Amado em todo esse contexto aqui descrito pareça, num termo bastante duro, *ralo*, não deixa, na leitura das crônicas, de emergir como a essência da primeira metade do século XX. Esta, uma época em que o artista-intelectual parecia ter o dever de se posicionar sob uma bandeira ideológica. Qualquer que fosse ela, o futuro era apontado como melhor, em contraste com um presente que desejava romper com um passado inconsciente, questionar tradições que representavam um estágio de “balbuciar da humanidade”, conforme mencionado anteriormente.

Se estivesse vivo, Jorge Amado completaria 100 anos em 2012. Arriscamos dizer que, muito provavelmente, mal reconheceria aquele jovem cronista da coluna *Hora da Guerra*, justamente porque os tempos são outros e ele próprio já havia mudado no final da década de 1950, “o que é inteiramente compreensível [...] porque num mundo e num país complexos como esses em que vivemos, manter as mesmas opiniões ao longo de toda vida quase sempre é índice de dogmatismo, e não de coerência” (FAUSTO, 2008, p.23). Se de um lado, então, o autor, como sujeito de sua escrita, não reconheceria as palavras que socializou no jornal *O Imparcial* entre 1942 e 1945, como ficamos como agentes críticos que pretendem reencontrar os fios subjetivos de um ator e os literários de uma obra na malha histórica onde foi cravada?

Referências Bibliográficas

_____. *Hora da Guerra*. FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ARENDDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. *Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. "A Vida ao Rés-do-Chão". In: *A Crônica: o Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992.

FAUSTO, Boris. Olhares Cruzados. In: FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). *Hora da Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.13-23.

KOIFMAN, Fábio. "Pelas Gerações Futuras". In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. ano 5. n.58. Rio de Janeiro. 2010. p.27-29.

LEVI, Primo. *Os Afogados e Os Sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

O'DONNELL, Francisco Talaia. *Oswaldo Aranha*. Porto Alegre: Sulina, 1980. apud TUCCI CARNEIRO, 2001, p.193,194.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *A Poética da Resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, O Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998.

SHAKED, Guershon. "Quem é o Culpado? Ruptura das Convenções na Observação da Temática do Holocausto". *Caderno de Língua e Literatura Hebraica*. n.2. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. p.139-172.

TAVARES, Paulo. *O Baiano Jorge Amado e sua Obra*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. *O Antissemitismo na Era Vargas – Fantasmas de uma Geração (1930-1945)*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

WALDMAN, Berta. "O Holocausto na Literatura Brasileira: Uma Anatomia da Memória". In: *História e Memória do Holocausto*. São Paulo: XV Jornada Interdisciplinar sobre o ensino da História do Holocausto, 2010. p.85-101.